

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
FILOSOFIA
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Michaele Ferreira Dos Santos

EMPATIA E ÉTICA ANIMAL

Maceió
2021

MICHAELE FERREIRA DOS SANTOS

EMPATIA E ÉTICA ANIMAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Filosofia,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de graduação em Filosofia.

Orientadora: Juliele Maria Sievers

**Maceió
2021**

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237e Santos, Michaele Ferreira dos.
Empatia e ética animal / Michaele Ferreira dos Santos. – 2021.
39 f.

Orientadora: Juliele Maria Sievers.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió,
2021.

Bibliografia: f. 39.

1. Gruen, Lori. 2. Ética animal. 3. Ética do cuidado. 4. Empatia. I. Título.

CDU: 179.3

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: MICHAELE FERREIRA DOS SANTOS

Empatia e Ética Animal

Trabalho de conclusão de curso submetido ao corpo docente do curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas e aprovada no dia 29 de outubro do ano de 2021.

Banca examinadora:

Juliele Maria Sievers

Profa. Dra. Juliele Maria Sievers, Universidade Federal de Alagoas - UFAL
(Orientadora – Presidente da banca)

Documento assinado digitalmente
gov.br Joao Carlos Neves de Souza e Nunes Dias
Data: 26/11/2021 08:41:38-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias, Universidade Federal de Alagoas - UFAL (Examinador Interno)

Lauren

Profa. Dra. Lauren de Lacerda Nunes, Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA (Examinadora Externa)

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família, em especial minha mãe e meu padrasto, por desde cedo me incentivarem ao hábito da leitura e me mostrarem o poder da educação, além de me apoiarem nos dias mais difíceis.

Ao meu esposo que sempre esteve presente em ouvir minhas dificuldades durante a execução deste trabalho.

A todos os meus professores, diretores e coordenadores do ensino público, que em meio a tantas adversidades da escola pública se mantiveram firmes e fortes em me apoiar de todos os modos possíveis.

A todos os meus professores da graduação, que foram essenciais para a construção da minha formação e me fizeram ver a vida sob outros horizontes.

Ao professor Marcos Silva por suas palavras, conselhos e por ter dito o que jamais vou esquecer: “Pesquise sobre o que faz os seus olhos brilharem”.

A minha orientadora que desde o início aceitou embarcar comigo nesta pesquisa, me ajudou nos momentos de dificuldades e me norteou com grande maestria.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a minha família que desde nova me mostrou que a educação é o melhor caminho que eu poderia trilhar para realizar meus sonhos e seguiram essa jornada comigo, me fortalecendo e me apoiando mesmo nos dias de privações que eram necessárias para que eu dedicasse horas do meu dia aos trabalhos da faculdade. Obrigada, por mesmo com sono e cansados, irem me buscar no ponto de ônibus quando já era tarde da noite. Agradeço por nunca terem largado minha mão e por todo empenho em formarem a primeira da família na universidade pública. Esta conquista é nossa!

Agradeço à minha mãe que sempre foi um exemplo de mulher para mim e me ensinou que posso ser e fazer tudo que eu quiser, só basta eu querer. Obrigada por ter se privado de tantas coisas por mim.

Meus sinceros agradecimentos ao meu padrasto que como um pai me mostrou que eu precisava da educação para alcançar meus sonhos. Me apoiou e me ajudou a concluir mais uma fase da minha vida. Obrigada por estar presente em todas essas fases, por ter junto a minha mãe movido céus e terras para ajudar na minha carreira profissional. Eu não seria esta Michaele se não fosse por você.

Aos meus irmãos por me ajudarem a me distrair quando a mente estava cheia, vocês deixaram esses dias mais leves. Obrigada pelas palavras de incentivos e pelas piadas bestas. Essa é uma realização nossa!

Ao meu esposo que dedicou horas a me ouvir e me ajudar quando as coisas pareciam que não iam bem. Não deve ser fácil ouvir uma pessoa de filosofia tagarelando o tempo todo, por isso obrigada por toda paciência.

Agradeço à irmã que a filosofia me deu. Selmira, sem você isso tudo seria muito mais difícil. Obrigada por ouvir minhas lamentações, meus medos e minhas angústias. O destino nos uniu de uma forma incrível e sou muito grata por isso.

A minha querida amiga Eduarda, que mesmo distante se faz presente sempre. E mãe do afilhado mais lindo do mundo que eu poderia ter. Muito obrigada por me apoiar desde sempre!

Agradeço ao professor Marcos Silva por toda sua dedicação em me ajudar a iniciar essa pesquisa sobre ética animal e por ter me dado ânimo para este trabalho.

Obrigada a minha orientadora que sempre esteve presente e solícita em me ajudar na elaboração desde trabalho. Mesmo em um ano atípico se manteve presente e me guiou e me fez ter orgulho do resultado final.

Agradeço a todos os animais que entraram na minha vida e me ensinaram a forma de amor mais pura que já pude receber. Temos muito o que aprender com todo amor, carinho e lealdade que vocês emanam e eu sou extremamente grata por sentir isso todos os dias da minha vida e sem dúvidas ter aprendido que vocês não merecem estar no meu prato mudou a minha vida e o modo como passei a enxergar o mundo.

Por fim, todo meu agradecimento ao ensino público. Pela resistência e por não desistir de se manter de pé quando tudo colabora para o contrário. Obrigada por apoiar a ciência, a pesquisa e a educação. Obrigada pela resistência de continuar ensinando mesmo em anos sombrios.

Para mim, assim como para outras pessoas, a educação pública é a única forma de nos trazer perspectivas melhores.

“Antes de ter amado um animal, parte da nossa alma permanece
desacordada”.

Anatole France

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a ética animal sob o contexto da ética do cuidado e, especialmente, fazendo uso do conceito de empatia como um dos critérios possíveis para a consideração moral dos animais não humanos. Como recurso teórico serão utilizadas as obras de Carol Gilligan, uma das grandes autoras dentro da temática da ética do cuidado, e Lori Gruen, que faz uso dessa teoria para inserir os animais nas nossas considerações morais. Além disso, estas obras serão muito importantes para estabelecer contrapontos à ética animal tradicional, especialmente a de Peter Singer. A partir das informações vistas, será possível realizar uma reflexão sobre a nossa relação com os animais, nos mostrando que, em adição às teorias éticas tradicionais, é possível também estimularmos o estreitamento dessa relação sob o ponto de vista de uma teoria mais recente e, a nosso ver, mais adequada, como é a ética do cuidado.

Palavras-chave: Ética animal. Ética do cuidado. Empatia. Lori Gruen.

ABSTRACT

The present work aims to present animal ethics in the context of the ethics of care, especially by using the concept of empathy as one of the possible criteria for the moral consideration of non-human animals. As a theoretical resource, we will use works by Carol Gilligan, one of the great authors of the ethics of care, and Lori Gruen, who uses this theory to consider also non-human animals in our moral considerations. Furthermore, these works will be very important for us to question traditional systems of ethics, especially as the one proposed by Peter Singer. Based on the information seen, it will be possible to reflect on our relationship with animals, showing us that, in addition to traditional ethical theories, it is also possible to stimulate the strengthening of this relationship from the point of view of a more recent and more adequate theory, such as the ethics of care.

Keywords: Animal ethics. Ethics of care. Empathy. Lori Gruen.

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	11
2	CAPÍTULO 2 - ÉTICA ANIMAL NA TEORIA DE PETER SINGER	14
2.1	Os riscos do utilitarismo na ética animal	17
2.2	E quando não há dor?	19
3	CAPÍTULO 3 – A ÉTICA DO CUIDADO E SUA SAÍDA RAZOÁVEL PARA OS ANIMAIS	22
3.1	Entendendo o conceito de empatia	25
3.2	Tipos de empatia	26
3.3	As problemáticas da empatia em discussões éticas-filosóficas	28
4	CAPÍTULO 4 - ESTENDENDO A ÉTICA DO CUIDADO PARA OS ANIMAIS	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	39

1 CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

A ética animal é uma das grandes temáticas para discussões de filósofos e filósofas do mundo inteiro. Assim como outras questões da ética, esta vertente da ética prática tem levantado bastante questões, muitas das vezes espinhosas e que nos levam a ter inúmeros questionamentos acerca das nossas decisões cotidianas a respeito das relações entre os homens e os animais.

Além disso, nestes últimos anos tivemos uma crescente discussão acerca desta temática, uma vez que diante das situações enfrentadas em todo o mundo, é normal que haja uma reavaliação de valores e crenças preexistentes. Com isso, discussões sobre nossa relação com os animais têm ficado cada dia mais presentes dentro e fora da academia e é sobre este assunto que pretendemos falar nesta pesquisa. Como é o caso da segunda-feira sem carne por exemplo, que tem como objetivo, além de nos fazer repensar nossos hábitos de consumo, nos incentiva que haja uma diminuição do consumo da carne.

Alguns filósofos, como o australiano Peter Singer trouxeram grandes contribuições para estas questões, como veremos mais adiante. No entanto, muitas dessas teorias acabaram nos levando a conclusões difíceis de assumirmos (principalmente, ao tentar atribuir aos animais o critério da “pessoalidade”) e que muitas das vezes entram em contradição com a finalidade dessas pesquisas, que são de tentar abranger a vida dos animais nas considerações éticas, principalmente relacionadas ao direito à vida.

Nesta pesquisa consideraremos algumas teorias tradicionais, sob as quais faremos uma leitura crítica, assim como algumas teorias “alternativas” à abordagem utilitarista, como é o caso da Ética do cuidado de Carol Gilligan, posteriormente adaptada à questão da relação com os animais por Lori Gruen, que em sua obra irá trazer o conceito de empatia como base fundamental para a extensão da consideração moral com os animais.

Nosso objetivo é abordar uma perspectiva embasada na noção de empatia acerca da nossa relação moral com os animais dentro do contexto da ética prática. Consideramos que as abordagens mais tradicionais e conhecidas acabam apelando ao conceito de “pessoa” e com isso tentando uma aproximação contraintuitiva dos animais aos seres humanos, no sentido de conferir àqueles aspectos pertencentes a estes.

Para fazer essa discussão, precisaremos também abordar a teoria que serviu como “pano de fundo” à abordagem específica de nossa relação com os animais, pautada na noção

de “empatia”. Essa “teoria de base” é a ética do cuidado de Carol Gilligan, que surgiu em 1982 com o livro “In a Different Voice” em resposta a outros autores que defendiam que as mulheres não conseguiam desenvolver suas habilidades morais de maneira completa. Para Gilligan, de fato há uma diferença entre homens e mulheres quando estes escolhem uma ao invés de outra ação, mas isso não significa que ambos não possam ser éticos, ou melhor, isso não quer dizer que mulheres não possuem suas capacidades éticas desenvolvidas o suficiente. Segundo a filósofa, os homens costumam pautar seus problemas morais na justiça, enquanto que as mulheres costumam pautar-se nas responsabilidades morais e relacionamentos morais como resultado de padrões de reforço diferenciados durante o desenvolvimento de meninos e meninas, que a autora busca evidenciar de maneira a denunciar o fato de que meninos deixam de considerar o “cuidado” como um critério na decisão moral, ao passo que esse critério é reforçado em relação aos comportamentos de meninas.

Neste trabalho, o objetivo é resgatar a noção de cuidado e sua variante, a empatia, como um critério importante e mesmo fundamental na consideração ética de todos, homens e mulheres. Nosso escopo específico será, contudo, a nossa relação ética com os animais, trazendo o conceito de empatia como um desdobramento da ética do cuidado, nos colocando num papel de responsabilidade em relação aos animais em vistas, justamente, de sua vulnerabilidade.

Portanto, como suporte teórico para esta abordagem, iremos recorrer a Ética do Cuidado que, ao privilegiar o conceito de empatia, parece nos fornecer uma base teórica e filosófica sólida e mais conveniente para o tratamento ético da nossa relação com os animais. Mais precisamente, focaremos no tratamento oferecido pela filósofa contemporânea Lori Gruen, em sua obra *Entangled Empathy* (2015) em contraponto com a perspectiva utilitarista proposta por Peter Singer .

Pretendemos apresentar a Ética do Cuidado, pautada na responsabilidade e na valorização do contexto segundo Carol Gilligan (1982), como um contraponto à Ética da Justiça pautada em princípios racionais universais - tanto utilitários quanto deontológicos - e mostrar a aplicação da Ética do Cuidado ao contexto de nossa relação com os animais, segundo Lori Gruen (2011, 2015).

Além de discutir as diferenças entre os sistemas éticos quanto à questão da ética animal especificamente, mostraremos como outras propostas de viés utilitário, como a de focar no conceito de “pessoa”, parecem não ser coerentes ou preferíveis. E, por fim, visamos

apresentar o conceito de empatia emaranhada, trabalhado por Lori Gruen (2015), como uma forma de estender a consideração moral para os animais. Antes de avançarmos no entendimento deste conceito, vale a pena ressaltar que há variações linguísticas quando traduzimos¹ *Entangled Empathy*, por isso usaremos como tradução *Empatia enredada* ou *Empatia emaranhada*, com o objetivo de fornecer o mesmo significado.

Para a realização deste trabalho, usaremos a metodologia de pesquisa bibliográfica, a partir das obras dos autores escolhidos, fazendo uma análise crítica e detalhada de como as obras são relevantes para estas questões.

No próximo capítulo começaremos por entender a teoria de Peter Singer e apontar algumas de suas problemáticas ao tentar aproximar os animais ao homem e como esse passo em sua teoria pode nos trazer algumas consequências morais difíceis de assumirmos.

Em seguida, entenderemos sobre a *Ética do Cuidado* de Carol Gilligan, bem como as motivações que a levaram a desenvolver sua teoria acerca da atualmente conhecida como *Ética Feminista*. A obra de Gilligan será fundamental para nosso estudo, uma vez que nosso objetivo nesta pesquisa é o de buscar outra alternativa moral que respeite as nossas diferenças em relação aos animais. Além disso, Gilligan nos trará questões e discussões extremamente relevantes para uma discussão acerca das problemáticas que envolvem a *Ética Prática*.

Após o entendimento da *Ética do Cuidado*, nosso objetivo será direcionar nossa atenção para o conceito de empatia trabalhado por Lori Gruen e a fundamentação do seu conceito de empatia enredada, uma vez que ele será fundamental para a defesa de nosso trabalho.

Nos capítulos finais mostraremos como Lori Gruen, em sua obra, estende a ideia de empatia, anteriormente trabalhada por Gilligan, para os animais, e como essa perspectiva nos parece mais conveniente ou pertinente para os animais não humanos, além de fundamentar um novo tipo de empatia, cujo nome torna-se o título de sua obra.

Por fim, na nossa conclusão iremos fazer uma retomada geral dos pontos vistos durante este trabalho, com o intuito de retrazar nossa argumentação e apresentar as nossas considerações finais sobre o assunto.

¹ Durante a realização desse trabalho encontramos dificuldades de acesso às obras, uma vez que são correntes da ética ainda pouco estudadas aqui no Brasil, as obras referentes à *Ética do Cuidado*, diferentemente das obras de Peter Singer, ainda não possuem tradução para o Português. Desse modo, todas as obras usadas tanto da Lori Gruen quanto da Carol Gilligan foram traduzidas por nós.

2 CAPÍTULO 2 - ÉTICA ANIMAL NA TEORIA DE PETER SINGER

É difícil de tratarmos da Ética Animal sem citarmos um dos grandes filósofos que trouxe muito dessa discussão à tona que foi Peter Singer. Peter Albert David Singer é um filósofo e professor australiano na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Atua na área de Ética Prática, tratando questões da Ética sob uma perspectiva utilitarista. Em seus livros, ataca especialmente o especismo, como sendo naturalmente uma teoria que atribui valores ou direitos diferentes a seres por conta de sua espécie.

Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para recusar ter em conta esse sofrimento. Independentemente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que ao seu sofrimento seja dada tanta consideração como ao sofrimento semelhante - na medida em que é possível estabelecer uma comparação aproximada de um outro ser qualquer (SINGER, 2007, p.24).

O filósofo sugere uma mudança moral em relação ao nosso tratamento com os animais, de modo que devemos protegê-los pois são seres sencientes, isto é, capazes de, entre outras sensações, sentir também a dor. Peter Singer, seguindo a linha do utilitarismo², defende que a defesa da igualdade não pode basear-se nas diferenças, mas sim nas características semelhantes ou na capacidade moral do ser, pois, a igualdade é uma ideia moral, e não a afirmação de um fato.

Os animais humanos têm exercido seu domínio sobre outros animais de diversas maneiras. Estão entre as formas de exploração: o uso de animais para alimentação, vestimentas, realização de testes nas indústrias de cosméticos e farmacêutica, experimentos em universidades, através da vivissecção e, ainda, formas muito peculiares de lazer como circos, aquários e zoológicos. As referidas práticas, ainda que pareçam, a princípio isolado, têm uma base comum: são, todas, manifestações de ideologia da espécie dominante: a espécie humana que, calcada na ideia de superioridade, tenta legitimar e legalizar práticas de dominação em relação a outros animais. A essa noção de superioridade que tenta justificar a exploração de outra espécie dá-se o nome de especismo (MOURILHE, 2017, p.13).

O animal homem, como em vários momentos é apontado por Singer e outros filósofos da ética animal, se vê como uma espécie superior diante dos outros animais e a partir disso, torna os animais como sua propriedade, fazendo uso das formas mais variadas possíveis com mencionado na citação acima.

Ainda para pensarmos sobre o utilitarismo:

² O utilitarismo é uma teoria filosófica que determina ações como eticamente e moralmente corretas com base no bem-estar coletivo, isso significa dizer que segundo o pensamento utilitarista, uma ação é boa quando ela promove bem-estar ao maior número de pessoas possível.

Contudo, o utilitarismo, nas suas variedades conceituais, se firma como uma posição agnóstica, esclarecida e radical que busca romper com a visão de mundo sustentava e mantinha tirania de poder e do privilégio. Nesta medida, o utilitarismo se coloca na pretensão de tornar a ética uma ciência positiva da ação humana. Ver no prazer a finalidade última a que o indivíduo obedece, seguindo o lema ou princípio de maior felicidade para o maior número de pessoas, é um dos princípios básicos do utilitarismo. Nos aspectos político e social, o utilitarismo colocou-se desde o início, como teoria moral comprometida com a maximização do bem-estar e felicidade da maioria em todas as possíveis dimensões (VIRGÍNIO, 2011, p.10).

O utilitarismo nos ensina que uma ação só pode ser julgada como boa ou má se considerarmos suas consequências como boas ou más para atingir a felicidade dos indivíduos envolvidos naquela ação. Logo, o objetivo do utilitarismo será pensar na maior produção de ações que resultem em felicidade.

Por isso, é coerente defender que o princípio de igualdade seja estendido para os seres não racionais, tendo em vista que os seres humanos têm diferentes capacidades de comunicação, de entendimento e diferentes formas de sentir. Se a nossa ideia de igualdade se basear na igualdade dos seres, Peter Singer acredita que deveríamos deixar de exigí-la.

Admitindo o princípio de igualdade que os seres humanos afirmam ter, devemos tratar o sofrimento do outro com o mesmo peso do nosso, pois esses também são capazes de o sentir tanto quanto o homem.

É importante ressaltar que Peter Singer, apesar de defender a extensão do princípio de igualdade para os animais, não acredita que eles devam ser tratados por igual. Já que os seres humanos possuem diferentes formas de compreensão e capacidades, é incoerente levar a consideração moral para seres que possuem somente características completamente iguais.

A extensão do princípio básico da igualdade de um grupo a outro não implica que devamos tratar ambos os grupos exatamente da mesma forma, ou conceder os mesmos direitos aos dois grupos, uma vez que isso depende da natureza dos membros dos grupos. O princípio básico da igualdade não requer um tratamento igual ou idêntico; requer consideração igual. A consideração igual para com os diferentes seres pode conduzir a tratamento diferente e a direitos diferentes [...] temos de nos render à evidência de que os seres humanos têm diferentes tamanhos e feitos, diferentes capacidades morais, diferentes capacidades intelectuais, diferente intensidade de sentimentos de benevolência e sensibilidade às necessidades de terceiros, diferentes capacidades de comunicação e diferentes capacidades para experimentar o prazer e a dor. Resumindo, se a exigência de igualdade se baseasse na verdadeira igualdade de todos os seres humanos, teríamos de deixar de fazer (SINGER, 2007, p.20).

O filósofo também critica o nosso critério especista de quem deve ou não receber considerações iguais, já que usamos a aparência biológica e a capacidade de argumento como critério de avaliação.

Jeremy Bentham³ (1748-1832) foi um filósofo inglês que, junto a outros filósofos, foi responsável por fundar o utilitarismo, corrente filosófica que Peter Singer segue. Bentham, de certa forma, antecede o pensamento de Singer ao dizer em sua obra:

Poderá existir um dia em que o resto da criação animal adquirirá aqueles direitos que nunca lhe poderiam ter sido retirados senão pela mão da tirania. Os franceses descobriram já que a negrura da pele não é razão para um ser humano ser abandonado sem mercê ao capricho de um algoz. Poderá ser que um dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a forma da extremidade do *os sacrum* são razões igualmente insuficientes para abandonar um ser sensível ao mesmo destino. Que outra coisa poderá determinar a fronteira do insuperável? Será a faculdade da razão, ou talvez a faculdade do discurso? Mas um cavalo ou cão adultos são incomparavelmente mais racionais e comunicativos do que uma criança com um dia ou uma semana ou mesmo um mês de idade. Suponhamos que eram de outra forma - que diferença faria? A questão não é: Podem eles raciocinar? nem: Podem eles falar? mas: Podem eles sofrer? (BENTHAM, 1979 apud SINGER, 2007, p.23)

No entanto, Peter Singer também faz isso quando em sua obra, ao trabalhar o conceito de pessoa, estende este conceito para alguns animais, humanos e não humanos e exclui outros, como veremos mais adiante.

Tradicionalmente, a história do pensamento filosófico em relação aos animais vem se pautando em princípios puramente racionalistas e universalizáveis, como as tradições utilitarista e deontológica. Nesse contexto, uma filosofia preocupada com nossas relações com os animais pautadas no princípio utilitarista, determinando a busca por prazer e a evasão da dor, traz declarações como esta, de Peter Singer, o mais famoso autor no âmbito da Ética Animal:

Dor é ruim, e, não importa quem está sentindo a dor, quantidades semelhantes de dor são igualmente ruins. A título de ‘dor’ eu incluíria aqui todos os tipos de sofrimento e de aflição. Isso não quer dizer que a dor seja a única coisa que é ruim, nem que infligir sofrimento seja sempre errado. (...) Por outro lado, prazer e felicidade são bons, não importa de quem sejam, embora possa estar errado fazer algo para obter prazer e felicidade se, por exemplo, ao fazê-lo, prejudicarmos os outros. (...) Os seres humanos não são os únicos seres capazes de sentir dor ou aflição. (...) Quando avaliamos a gravidade do ato de tirar uma vida, não devemos levar em conta a raça, o sexo, ou a espécie a que pertence o indivíduo, mas sim as características do ser individual que está sendo morto, como por exemplo seu próprio desejo de continuar a viver ou o tipo de vida que é capaz de viver (SINGER, 2002, p.12).

No entanto, estas afirmações levam a derivações perigosas e polêmicas em sua teoria quando questionado sobre a evasão de dor de alguns animais, sendo eles humanos e não

³ Bentham soube unificar todas as idéias de seus predecessores para fazer delas um instrumento radical de crítica das instituições da sociedade inglesa de seu tempo, do que ele chama de os *sofismas* de todos os tipos, econômicos, políticos e filosóficos (Halévy, III, 1-3), que servem de obstáculo à felicidade dos homens e à justiça das sociedades. (CANTO,2013, p.739)

humanos, relacionadas à eutanásia e ao infanticídio, por exemplo, decorrentes da necessidade de universalização de seus preceitos racionais.

Só uma pessoa pode desejar continuar a viver, ou ter planos para o futuro, porque só uma pessoa pode até mesmo, entender a possibilidade de uma existência futura para si mesma. Isso significa que pôr um fim à vida das pessoas, contra o desejo delas, é diferente de pôr um fim à vida de seres que não são pessoas. De fato, em sentido estrito, no caso dos que não são pessoas não podemos falar de eliminar suas vidas contra sua vontade, ou segundo sua vontade, porque tais seres não são capazes de ter uma vontade no tocante a essa questão. Possuir um sentido do eu e da existência continua de si mesmo ao longo do tempo possibilita um tipo de vida inteiramente diferente. Pense na quantidade de coisas que fazemos com vistas ao futuro - nossa educação, as relações pessoas que cultivamos, nossa vida familiar, nossas carreiras profissionais, nossas poupanças, nossos planos de férias. Em razão disso, pôr um fim prematuro à vida de uma pessoa pode tornar infrutífera grande parte de suas aspirações anteriores (SINGER, 2002, p.271).

Além disso, como veremos adiante, quando Singer categoriza alguns seres humanos como “não pessoas” ele traz afirmações bastante polêmicas.

Como dissemos, para Singer, o primeiro dos critérios, a autoconsciência, ligada à concepção de reconhecimento de passado e expectativa quanto ao futuro, é um marcador forte do que seja a pessoa a quem está garantido o direito à vida e à proteção desta. A contrapartida desta concepção é que, entre os seres humanos, alguns indivíduos, como, por exemplo, bebês recém-nascidos ou indivíduos com graves deficiências mentais, não poderiam ser concebidos como pessoas e, conseqüentemente, não teriam direito à vida. Diferentemente, alguns mamíferos teriam esta capacidade de reconhecimento de eventos passados e expectativas ou projeções quanto ao futuro, entre outras características, e por isso deveriam ter suas vidas preservadas e protegidas (SIEVERS, 2020, p. 1646).

É a partir dessas afirmações que Peter Singer esbarra em conseqüências morais polêmicas e muitas das vezes difíceis de serem assumidas, como a proteção à vida de um bebê recém-nascido ou de pessoas com doenças mentais graves. O especismo é uma ideologia antropocêntrica, responsável por colocar o animal homem como o central do universo, privilegiando-se sob os outros seres e isso resulta na desvalorização da vida de outros animais ou de outros seres humanos que possuem “características diferentes”, pertencentes a determinados grupos previamente vistos como inferiores. Ao tentar fugir do especismo, Singer acaba por se envolver nessa teia, atribuindo valores e considerações diferentes a seres da mesma espécie.

2.1 Os riscos do utilitarismo na ética animal

Apesar de Singer ter contribuído bastante com a ética animal, a corrente ética na qual ele se baseia, o Utilitarismo, acaba por apresentar alguns aspectos problemáticos quanto à

nossa relação com os animais, uma vez que a máxima do utilitarismo diz que devemos “agir sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar”. Isso poderia nos levar a dizer que há maior interesse aos animais humanos em continuarem suas vidas como sempre viveram, se comparado aos outros animais.

Além disso, outra problemática enfrentada é quando Peter Singer precisa categorizar os animais como pessoas para que esses possam receber considerações morais dentro da sua teoria, como se fosse necessário aproximar⁴ os animais aos humanos para garantir a eles o direito moral de consideração à vida. Isso acaba indo de encontro com o que ele propunha inicialmente e que citamos no capítulo anterior.

Ser uma pessoa, segundo Singer significaria, “consciência de si, autocontrole, senso de futuro e passado, capacidade de relacionar-se com os outros, preocupação com os outros, comunicação e curiosidade” (SINGER, 2002 [1979]) p. 96). O filósofo, portanto, afirma que seres que possuem essas características podem ser considerados pessoas e neste sentido incluiremos alguns animais.

No entanto, alguns seres humanos que porventura podem não possuir essas características, como pessoas com graves doenças mentais ou que estejam incapacitados de exercer tais características, esses não poderiam ser considerados como pessoas segundo Peter Singer.

A condição de membro da espécie *Homo sapiens* não é relevante: do ponto de vista ético, qualquer característica, ou combinação de características, que consideramos capazes de dar ao ser humano um direito à vida, ou de fazer com que seja errado, em termos gerais, pôr fim à vida humana, pode ser possuída por alguns animais não humanos. (SINGER, 2002, p. 276-7).

Porém, algumas problemáticas surgem quando tentamos observar e formatar esses indicadores mencionados acima, como pontua Sievers:

Assumindo que existam, como detectá-las objetivamente, de modo que se possa determinar que estão ausentes em, digamos, um papagaio domesticado e “falante”

⁴ Quanto ao fato que abordamos neste trabalho, sobre nossa relação com os animais ser pautada em problemáticas que acabam tendo como soluções aparentes uma tentativa de aproximação “forçada” através de categoria como “pessoalidade”, é importante mencionar que o pano de fundo das teorias que analisamos e criticamos é a filosofia ocidental herdada da cisão moderna e cartesiana entre “homem” e “natureza”, desenvolvida ela mesma sob o pano de fundo de uma sociedade pautada no patriarcado e no sistema capitalista. Ou seja, poderíamos ampliar - em algum outro momento de estudo, pois não cabe aqui este aprofundamento - a discussão para considerar essa relação em outros modelos de sociedade, onde a cisão entre “humano” e “animal”, pautada na instrumentalização do último, não se observa. Um excelente exemplo desta outra visão de mundo é o “perspectivismo ameríndio”, de Eduardo Viveiros de Castro (1996), apontando justamente para o fato de haverem culturas indígenas onde existe uma espécie de “embaralhamento” bidirecional entre o “animal” e o “humano”.

ou uma vaca leiteira, mas presentes em um orangotango selvagem? Por que os elementos que determinam o “tipo” de vida que esses animais levam ou poderiam levar deve ser determinado em função dos elementos referentes à vida dos seres humanos? Estes animais não poderiam ter outras características marcantes e fulcrais dentro de sua existência peculiar enquanto pássaro ou vaca, e que em nada se refiram ao homem? Parece que, mesmo entre os grandes primatas, tais características não são unânimes entre todos os diferentes espécimes, podendo haver “níveis” de cada elemento nos diferentes primatas, assim como nos *Homo sapiens* estes elementos estão, apesar de virtualmente sempre presentes, apresentados em maior ou menor escala, de acordo com certos traços de personalidade. Em relação aos bebês, qual seria o marco temporal decisório do momento em que estes adquiririam enfim os indicadores em sua totalidade? Como definir o momento em que o bebê se torna pessoa? Seria este momento idêntico para todos os bebês, ou poder-se-ia adiantar tal momento com maiores estímulos, por exemplo? (SIEVERS, 2020, p. 1664).

O que Sievers tenta apontar na citação acima são as necessidades de Singer em estabelecer similaridades entre o homem e o animal, e a partir das diferenças categorizarem como pessoas ou não pessoas. Quando, na verdade nós poderíamos compreender as diferenças de cada ser e a partir delas termos consideração moral pela sua vida. É pensando nessas problemáticas que tentaremos trazer uma outra perspectiva para a ética animal.

2.2 E quando não há dor?

O filósofo Peter Singer pauta um de seus argumentos sobre ética animal no fato de o animal sentir dor, no entanto este critério pode nos levar a assumir algumas outras problemáticas também, como por exemplo: se eu garantir que o ser não irá sentir dor, ele não receberá minha consideração moral em relação ao seu sofrimento? Ou também, quando não há dor ou interesse de vida por parte do indivíduo, ele perde nossa consideração moral em relação a preservação da sua vida?

Bernard Rollin é um filósofo americano e atualmente professor de filosofia, ciências animais e ciências médicas na Universidade do Estado do Colorado. Possui enorme influência no que diz respeito aos direitos dos animais e em sua obra *Animal Pain, What It is, Why it Matters* (2011) ele diz: “A habilidade de sentir dor é uma condição suficiente (mas não necessária) para um ser receber consideração moral”. (ROLLIN, 2011, p. 2)

Rollin acredita que o fato de uma pessoa ou um animal não sentir dor, não justifica que devemos negligenciar a sua vida ou os danos praticados contra este ser, uma vez que aquela vida possui grande importância para aquele indivíduo, seja ele um ser humano ou um animal (ROLLIN, 2011).

Em minha abordagem da ética animal, eu tenho discutido que a base das obrigações para com animais sob nossa proteção é a natureza do animal, o que podemos chamar de telos, seguindo Aristóteles (Rollin, 2006a). Esse é o conjunto único de traços e poderes que fazem o animal o que ele é – a “porquice” do porco, a “cachorrice” do cão. Se criássemos porcos, por exemplo, totalmente sob condições naturais, satisfazendo todos os aspectos da natureza do porco, desde construção de ninhos até o ato de fuçar, poderíamos dizer que entendemos a “felicidade” em relação àquele animal. Quando falhamos em suprir as necessidades emanando do telos, nós prejudicamos o animal (ROLLIN, 2011, p. 3).

Desse modo, o filósofo acredita que o que temos feito atualmente com os animais é retirar o seu telos, ou seja, aquilo a que eles tendem, seu fim e sua finalidade, é o que o faz “ser”, e o colocamos numa posição de submissão e inferioridade diante de nós, reafirmando o especismo e o antropocentrismo.

Como para o homem que tem seu telos na felicidade, os animais têm seu telos nas suas respectivas finalidades. Impedir seu telos é retirar a plenitude de poder fazer algo segundo sua natureza.

Por exemplo, uma pessoa ou animal incapaz de sentir dor de queimaduras ou infecções que resultassem em perda de um membro, ainda seriam moralmente considerados, sendo que seríamos considerados culpados se não ajudássemos tal pessoa ou animal a preservar seu membro, por exemplo, já que ser capaz de andar ou correr ou ter dois braços importa fortemente para o indivíduo (ROLLIN, 2011, p. 3).

Singer também fornece consideração moral aos animais como vimos, no entanto, apenas em virtude da nossa relação aos aspectos que eles compartilham conosco, ou seja, sempre “em comparação” aos humanos, “em função” dos humanos, como uma tentativa de aproximar os animais das características humanas - como se isso tornassem mais sólidos os argumentos em defesa dos animais.

Outra derivação perigosa deste argumento de Singer é o de pessoas em situações graves, onde não podemos atestar a existência da consciência. Nestes casos, nos parece extremamente difícil assumirmos que uma pessoa com morte cerebral perca o direito de proibição de violação do seu corpo.

Nossa crença atual predominante, é de que os seres humanos são naturalmente dotados de “características especiais” e elevadas comparadas aos outros seres. Isso faz com que cresçamos com a ideia de que o homem possui um valor singular, apenas por nascer dentro deste grupo. No entanto, como vimos anteriormente, esse é um pensamento que possui bases no especismo e não deve de modo algum nos guiar como fundamento para considerações morais.

Como mostraremos nos próximos capítulos, há outras teorias que podem fundamentar bem a defesa da Ética Animal e que Singer apresenta fragilidades teóricas

3 CAPÍTULO 3 – A ÉTICA DO CUIDADO E SUA SAÍDA RAZOÁVEL PARA OS ANIMAIS

Como vimos até o momento, Peter Singer contribuiu muito para as discussões sobre Ética Animal, mas ao tentar categorizar pessoas, e aproximar os animais deste conceito ele acaba por se prender nesta teia e ao mesmo tempo se aproximar do que serve como base para suas críticas, o especismo.

Como alternativa, agora analisaremos a teoria da ética do cuidado de Carol Gilligan para posteriormente relacioná-la com a defesa da Ética Animal a partir da visão de Lori Gruen. Em sua obra, *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (1982) Gilligan argumenta que aparentemente há duas perspectivas diversas de compreensão moral: uma delas é a perspectiva “masculina”, que também pode se entender como a voz padrão da moralidade, segundo a qual as decisões morais são baseadas em noções de justiça, respeito a direitos individuais e a normas universais; e a outra é a perspectiva “feminina”, geralmente associadas às mulheres, que a autora também denomina de “voz diferente” da moralidade, que dá nome à sua obra, e que aponta para uma forma diferente da “voz padrão” de lidar com questões éticas e morais, baseando-se na relação do sujeito com o outro e com o contexto, o que resultaria em uma abordagem centrada na noção de cuidado quando chegado o momento das decisões morais. A “voz diferente” é um pensamento contextual no momento da tomada de decisões morais, que busca a resolução evitando conflitos.

Carol Gilligan é uma filósofa e psicóloga que trata sobre questões do Feminismo e da Ética. Sua obra *In a Different Voice* (1982) surge como um contraponto da ética de vertente utilitária ou da deontológica, únicos modelos éticos decisórios levados em conta por Lawrence Kohlberg⁵ que, em um experimento em que Gilligan participou como assistente, ela pôde identificar alguns equívocos metodológicos e de resultado e que pretende tratar neste livro.

Vamos voltar um pouco no experimento feito por Lawrence Kohlberg para só então entendermos as questões colocadas por Gilligan. Quando Kohlberg estabeleceu a teoria do desenvolvimento da consciência moral, ele acreditava que existiam seis estágios de juízo moral que se podem compreender nas dimensões da reversibilidade, universalidade e

⁵ Lawrence Kohlberg foi um psicólogo norte-americano que prosseguiu com os estudos de Piaget, assim como seus experimentos, contemplando outras faixas etárias nos seus estudos.

reciprocidade que são atingidos gradualmente e resultam em uma avaliação imparcial (KOHLBERG, 1958).

Quando Kohlberg examinou os relatos verbais extraídos por Piaget com adolescentes de dez a dezesseis anos, ele percebeu que os jovens adolescentes não raciocinavam com base no imperativo categórico e que, portanto, estavam longe de ter atingido a autonomia kantiana. Kohlberg elaborou uma estrutura de desenvolvimento moral em seis estágios, são eles:

O primeiro estágio é o do **castigo e obediência**. A pessoa - nesse estágio, a criança - segue a norma com o objetivo de evitar um castigo, as ações são julgadas a partir de suas consequências físicas para o indivíduo. O segundo estágio é o de **Objetivo Instrumental Individual e da Troca**, aqui o correto é seguir as regras quando forem de seu interesse imediato, para satisfazer suas necessidades e interesses próprios e deixar que os outros façam o mesmo.

O terceiro é o das **Expectativas Interpessoais Mútuas, dos Relacionamentos e da Conformidade**, neste estágio ser “bom” e fazer o bem é importante, o sujeito passa a desempenhar o papel de uma pessoa amável que se preocupa com os outros e é sempre leal. O **Estágio da Preservação do Sistema Social e da Consciência** é o quarto estágio e o seu papel é apoiar a ordem social e manter o bem-estar de todos; já o quinto estágio, dos **Direitos Originários e do Contrato Social ou da Utilidade**, o indivíduo defende que os valores de uma sociedade devem ser mantidos e respeitados. E por último, o sexto é o de **Princípios Éticos Universais**, esse estágio defende a orientação por princípios éticos universais, os quais toda a humanidade deve seguir.

Sendo a “voz masculina” frequentemente relacionada aos homens e a feminina às mulheres, passou-se então a acreditar que ambos os sexos lidam, “naturalmente”, com problemas morais de modo diferente. E como resultado de uma cultura patriarcal, a visão de uma ética pautada na noção abstrata de justiça, no direito e em leis universais passou a ser defendida como superior diante da “voz diferente”.

Esta abordagem rendeu muitas críticas a Carol Gilligan, acusada de associar as mulheres apenas à dimensão dos sentimentos e negar-lhes a dimensão racional de suas escolhas, ou ainda de um essencialismo acerca do que seja uma “natureza feminina”. No entanto, justamente, além de se perguntar o porquê de as mulheres desenvolverem mais profundamente uma ética do cuidado (por questões históricas e culturais que são impostas a elas pela sociedade desde a mais tenra infância),

Gilligan pergunta por que os homens perdiam esta sensibilidade ao cuidado ao longo de seu desenvolvimento moral (SIEVERS, 2020).

No entanto, para Gilligan, as diferenças apontadas por Kohlberg são em realidade o resultado do modo distinto de criação de meninos e meninas, de funções diferentes que temos lhes atribuído durante todo o tempo até os dias atuais. A autora defende que para as mulheres se enquadrarem na mesma escala moral que os homens se encontram, deveriam entrar - e, na verdade, ter estado desde sempre - no mesmo campo de atividades masculinas, para desse modo ter uma avaliação mais precisa.

Assim, as mulheres eram avaliadas segundo padrões que nunca lhes haviam sido disponibilizados em sua criação. Enquanto meninos eram encorajados a engajar em brincadeiras sociais, cooperativas ou competitivas, às meninas eram reforçadas as brincadeiras que reproduziam tarefas domésticas, maternais, muitas vezes solitárias e reforçando a dimensão de responsabilidade em suas atividades e atitudes. A partir disso, a autora questionará não o porquê de as mulheres terem uma moral pautada no cuidado, mas sim o porquê de o cuidado ter sido suprimido da consideração moral dos meninos e homens, criando uma disparidade.

Em meio a uma estrutura patriarcal, o cuidado é uma ética feminina. Em meio a uma estrutura democrática, o cuidado é uma ética humana. A ética do cuidado feminista é uma voz diferente em meio a cultura patriarcal porque ela junta razão com emoção, mente com corpo, self com relacionamentos, homens com mulheres, resistindo às divisões que mantêm uma ordem patriarcal. (GILLIGAN, 2011, p. 22).

A ética do cuidado nos permite pensarmos e questionarmos as crenças morais preestabelecidas, que nos induzem a pensamentos equivocados sobre a formação ética de meninos e meninas.

A ética do cuidado permite ainda questionar a cultura que opõe os gêneros, isto é, que induz meninos a esconder seus sentimentos como se isso fosse parte do processo "natural de formação da masculinidade. Através da concepção ética baseada no cuidado defende-se que certas características podem ser desenvolvidas por todos os seres humanos, entre elas, a habilidade de cuidar. Seres humanos não precisam se dissociar de si mesmos tendo em vista a determinação patriarcal de corresponder ao estereótipo do "homem másculo" (KUHLEN, 2014).

É através desse mecanismo que muitas das vezes a Ética do Cuidado tem sido confundida com uma ética feminina, já que é uma teoria ética que abre espaço para empatia, compreensão, amor entre outros. Isso não a torna uma abordagem feminina, mas sim uma abordagem feminista, que pretende romper com o patriarcado.

Mas quando Gilligan afirma a existência de uma voz diferente, não objetiva sustentar nenhuma forma de essencialismo de gênero, no sentido de que toda mulher se caracteriza e se diferencia em sua essência do homem por ter uma voz moral diferente. Gilligan apenas investiga como na sociedade patriarcal vozes diferentes são formadas, valoradas, hierarquizadas e naturalizadas. Nesse sentido, ter conhecimento de que diferentes sujeitos possuem vozes distintas, mas não precisam ficar restritos a essa voz, isto é, podem desenvolver outras formas de perceber e lidar com problemas morais, representa um potencial transformador da sociedade e, por conseguinte, do modelo de reprodução de gênero. O problema, de acordo com Gilligan (2011, p. 18), está na sociedade patriarcal que mantém uma ordenação da vida baseada no gênero, onde ser um homem significa ser diferente de uma mulher e estar no topo da hierarquia social. Na sociedade não-patriarcal, homens e mulheres podem ser livres para o exercício de diferentes vozes morais. Ambos são livremente capazes da justiça, da autonomia e do cuidado responsável nas relações (KUHNNEN, 2014).

Gilligan compreendeu como este mecanismo citado acima engendrou uma situação nas decisões morais humanas que são pautadas ou na Ética do Cuidado, ou na Ética da Justiça, como tem se entendido os campos da ética tradicionalmente. A Ética do Cuidado propõe pensar ações por ações baseando-se também na empatia, conceito do qual iremos fazer uma análise a seguir.

3.1 Entendendo o conceito de empatia

Uma das principais virtudes da Ética do Cuidado é a noção de empatia, que “é uma forma particular de atenção, o que considero uma espécie moral de percepção” (GRUEN, 2015, p.39).

A obra de Gilligan mostra que as teorias tradicionais, como a deontologia⁶ Kantiana por exemplo, estão condicionadas a uma forma de valor moral regado puramente na razão. Ao contrário das teorias tradicionais, Gilligan pretende dar um equilíbrio para a ética e defender que a emoção, assim como a razão, também deve ser “acionada” diante de uma decisão moral.

A distinção entre Ética da Justiça e Ética do Cuidado apontada pela filósofa abre espaço para explicar o desenvolvimento moral das mulheres. As mulheres parecem mais inclinadas a ter sentimentos de empatia e simpatia, seu julgamento é mais contextualizado e refletem nas suas responsabilidades com o outro.

⁶ Deontologia, na filosofia moral, é uma das teorias normativas, segundo a qual as escolhas são moralmente necessárias, proibidas ou permitidas. Portanto inclui-se entre as teorias morais que orientam nossas escolhas sobre o que deve ser ou não feito.

Carol Gilligan defende que essas características não são critérios de fraqueza, mas sim de uma outra forma de percepção moral, uma outra forma de pensar as ações éticas e que deveria ser introduzida nas escolhas morais de todos, lado a lado com o aspecto racional, de forma a melhor captar todos os elementos envolvidos em uma decisão complexa como muitas vezes é a decisão de cunho ético.

O que Carol Gilligan pretende fazer com a Ética do Cuidado é romper com o dualismo existente e abrir espaço para a voz feminina, uma voz que ao contrário do que era pensado por autores como Kohlberg, por exemplo, não surge de emoções puramente irracionais, mas por uma racionalidade contextualizada que difere da forma de razão tradicional por trás das teorias modernas sobre a moralidade.

Para Gilligan, tão importante quanto se questionar sobre essa falta de estímulos ao desenvolvimento moral “padrão” masculino sofrido pelas mulheres, é também importante questionar-se o porquê de os homens não serem igualmente estimulados a desenvolver o cuidado como um dos elementos essenciais à sua moralidade.

A ética do cuidado foca sobre as particularidades das relações de cuidado, informadas por diferenças de contexto, bem como racial, econômica, étnica, experiências culturais e de gêneros diferentes de indivíduos e aqueles de quem cuidam. É uma teoria para todas as pessoas e é uma ferramenta importante para pensarmos nossos relacionamentos além dos humanos. [...] A ética do cuidado fornece soluções para algumas falhas que tenho mencionado acima (GRUEN, 2015, p.33).

Neste sentido, Gilligan sugere que ouvir a voz diferente da moralidade é um caminho para a própria transformação da estrutura patriarcal da sociedade. E são essas reflexões que fazem com que a Ética do Cuidado tenha ficado conhecida mundialmente como a Ética Feminista, já que além de trazer uma outra visão sobre a ética, ela é responsável também por questionar valores patriarcais impostos, que julgam a partir desses valores o que pode ou não serem corretos.

Assim como Gilligan, Lori Gruen também pretende romper com esses laços e nos trará o conceito de empatia fundamentado na obra de Gilligan e adicionará a *empatia emaranhada* como um mecanismo viável para se pensar nossas escolhas éticas, principalmente na nossa relação com os animais.

3.2 Tipos de empatia

Em sua obra, Lori Gruen destaca que há diferentes formas de empatizar com alguém, sendo a primeira delas através do *contágio emocional*. Esta forma é compartilhada por

diversas espécies de animais e não requer algum tipo de entendimento sobre a ação, ela é espontânea e automática como bocejar ou gargalhar quando se vê diante de situações onde outros estão o fazendo.

O bocejo é um dos exemplos mais comuns de empatia como contágio emocional. Se você ver alguém bocejando as chances serão altas de você bocejar inconscientemente. Foram publicados relatórios que cães domésticos irão bocejar quando seu dono bocejar. Nos últimos anos estudos descobriram que bonobos, chimpanzés e alguns babuínos, bem como lobos e papagaios, bocejam quando veem outros fazendo o mesmo (GRUEN, 2015, p. 46, tradução nossa).

Outra forma de empatizar com alguém é através da *empatia primária* ou *pessoal*. Segundo Gruen, esta segunda forma de empatia coloca o indivíduo no lugar do outro de modo que ele não consegue mais distinguir entre sua perspectiva e a do outro. E esta forma de empatizar segundo a autora é problemática, já que o indivíduo empatizador perde a noção da situação real e pode criar valores errados e/ou precipitados.

Um exemplo que podemos ilustrar bem este comportamento é na seguinte situação: Você caminha pela rua em um dia bastante chuvoso e avista uma moradora de rua com seu cão. Sua reação talvez seja a de pena por ver ambos naquela situação, e acredita que talvez para aquele cão melhor seria que ele estivesse em um abrigo. No entanto, talvez esta não seja a melhor alternativa para o cão, uma vez que ele talvez se sinta feliz e prefira de fato estar ao lado da sua dona, mesmo que sob aquelas circunstâncias.

Esta forma de pensar sobre a situação nos permite ignorar as perguntas maiores: Existe um abrigo para os sem-teto para a mulher e o cachorro? Por que esta mulher está aqui com seu canino? Ela está aqui porque o abrigo para pessoas sem-teto não aceita cães? E se ela simplesmente não pode deixar seu companheiro para trás? (GRUEN, 2015, p. 12, tradução nossa)

É deste modo que funciona a empatia pessoal, você se coloca no lugar do outro de tal modo que não consegue mais distinguir a sua realidade e a do outro, por isso faz escolhas que podem fazer sentido para você, mas que não faz para o outro. Neste processo de empatia você perde a riqueza dos detalhes de cada situação.

Por último, a *empatia cognitiva* que segundo a autora, não nos projetamos no outro, mas nos dão reflexões de modo que possamos nos ver na perspectiva do outro.

No entanto, aqueles de nós, humanos e talvez não humanos, que têm certos tipos de capacidades cognitivas, como a capacidade de diferenciar entre si e os outros, podem propositalmente e pensativamente, considerar a perspectiva do outro ser. Fazendo isso, podemos experimentar uma forma diferente de empatia. A principal diferença entre outras formas de empatia e o que tem sido chamado de “*empatia cognitiva*” é que nesta o empatizador não está se espelhando ou projetando no outro, mas está envolvido em um ato reflexivo de imaginação que a coloca no objeto

situação e/ou estado de espírito e permite que ela tome a perspectiva do outro (GRUEN, 2015, p. 48, tradução nossa).

Com isso, Lori Gruen quer nos dizer que alguns animais não humanos também são capazes de terem o que ela chama de *empatia cognitiva* e para ilustrar ela cita o exemplo de Kuni, um chimpanzé da espécie Bonobo que vivia num zoológico na Inglaterra e que certa vez capturou um estorninho e que ao perceber sua dificuldade em voar, subiu em uma árvore e lá desdobrou as asas daquele pássaro na tentativa de ajudá-lo a voar. A autora quer nos fazer pensar que, mesmo Kuni não sendo da mesma espécie do outro animal, é possível que ela perceba detalhes fundamentais e primordiais da existência daquele ser, como é o caso de voar para o estorninho.

“Ser capaz de entender o que o outro sente, vê e pensa, e para entender o que eles podem precisar ou desejar, requer um conjunto bastante complexo de habilidades cognitivas e emocionais sintonizadas” (GRUEN, 2015, p. 50, nossa tradução).

Além disso, esse exemplo pode também nos fazer questionar nossas ações com os animais, uma vez que nós humanos temos capacidades suficientes de perceber quais são os detalhes e as características vitais e essenciais para os animais. É possível a partir desse raciocínio que nós possamos agir de forma mais adequada e apropriada para com eles, assim como foi o caso de Kuni com o estorninho.

3.3 As problemáticas da empatia em discussões éticas-filosóficas

Posteriormente, após tratar das formas de empatizar, Lori Gruen responde a possíveis objeções acerca da utilização do conceito de empatia em discussões éticas-filosóficas. Alguns autores apontam que o ato de empatizar apresenta algumas limitações que o torna problemático em discussões morais, e dentre estas limitações algumas são destacadas pela autora.

A primeira diz respeito ao fato de que muitos autores argumentam que a empatia é mais facilmente direcionada a pessoas do convívio social do empatizador, isto é, amigos e familiares, ou que pertençam ao mesmo grupo étnico, religioso e afins. Outra limitação problemática frequentemente exposta é a nossa dificuldade em empatizar com quem está distante e deste modo, fica mais fácil ter empatia por quem está próximo.

No entanto, Gruen rebate essas críticas afirmando que no “mundo real”, fora de onde essas pesquisas foram feitas, nos são fornecidas evidências suficientes de que é possível

empatizar com quem está longe e para ilustrar isso ela utiliza da comparação do furacão Katrina ao Tsunami que ocorreu na Indonésia, já que ambos não tiveram o mesmo nível de comoção, segundo esta autora. No entanto, Gruen destaca que em ambos os casos houveram ajudas de pessoas distantes às catástrofes, desse modo segundo a autora provando que o argumento de que não conseguimos empatizar com quem está longe é falho ou, ao menos, não é determinante.

A autora entende as limitações e problemáticas que surgem a partir da empatia e por isso ela pretende nos fornecer elementos que irão nos ajudar a avaliar as situações cuidadosamente e com uma nova forma de empatia.

Pense na empatia como um processo. Embora o processo possa não ser linear, podemos pensar nas várias partes do processo ou algo assim; O bem-estar do outro agarra a atenção do empatizador, então ele faz um julgamento sobre como as condições que o outro encontra-se em contribuir para seu estado de espírito ou bem-estar, ele irá então avaliar cuidadosamente a situação e descobrir quais informações são pertinentes para criar empatia efetivamente com o ser em questão (GRUEN, 2015, p. 51, tradução nossa).

Com essa citação a autora nos fornece uma visão geral de como se dá o processo de empatia. Como ela destaca no início, não é um processo linear, já que o objetivo da Ética do Cuidado é avaliar situação por situação, ou seja, não há uma universalização de situações. Como a autora deixa claro e iremos detalhar mais adiante, nossa atenção deve ser voltada para o bem-estar do outro, claramente de forma crítica.

Outra crítica que a autora pretende tratar é sobre um equívoco relacionado à empatia, chamado de projeção. A autora pontua:

Uma crítica que ouvi várias vezes sobre empatia, à qual já aludi brevemente na discussão acima, é que a empatia pode ser reduzida a uma espécie de “projeção narcisista” de nossos próprios interesses e desejos sobre os outros, particularmente outros não-verbais. Esta é uma preocupação séria em proteção animal. [...] Esses desejos vêm em duas formas: desejos diretos, quando pensamos em outro animal está sozinho ou com medo, quando, na verdade somos nós que nos sentimos solitários ou tristes ou imagine que o animal terá medo, e desejos mediados, desejo que derivam de compromissos ideológicos que são então projetados em animais (GRUEN, 2015, p. 56, tradução nossa).

Para ilustrar melhor ela dá o seguinte exemplo:

Outro exemplo pode ser que eu vejo uma galinha doente e acredito que ela quer ser abraçada. Eu posso detectar o quanto ela quer ser abraçada, mas o que realmente está acontecendo é que estou percebendo com precisão me sentindo mal, mas depois projetando meu próprio desejo de ser abraçado (GRUEN, 2015, p. 57, nossa tradução).

É a partir dessas questões que a autora finaliza as objeções ressaltando os riscos da projeção, já que ao nos projetarmos no outro, sendo animal humano ou não humano, nós não estamos atentos à dor e ao sofrimento do outro, além de não nos possibilitar compreender adequadamente o outro.

A confusão entre projeção e empatia é um equívoco muito recorrente, para o qual Gruen chama nossa atenção. Desde o início de seu livro, Gruen deixa claro que não é esse o caminho a ser seguido, já que esta ideia de projeção vai totalmente de encontro com a empatia. Projetar-se no outro nos traz uma visão turva e distorcida da realidade.

É por isso que a autora nos traz a *empatia emaranhada*, como uma saída para essas possíveis projeções. E veremos mais detalhadamente no capítulo a seguir.

4 CAPÍTULO 4 - ESTENDENDO A ÉTICA DO CUIDADO PARA OS ANIMAIS

Aqui chegamos a um momento extremamente relevante para nossa pesquisa, onde iremos relacionar os pontos vistos anteriormente com a Ética Animal. Para isso, usaremos a visão da filósofa americana Lori Gruen, que em sua obra *Entangled Empathy* (2015) relaciona a Ética do Cuidado com a Ética Animal fazendo uso do conceito de “*empatia emaranhada*” como principal base da sua teoria. Usando as palavras da autora, *empatia emaranhada*:

É um tipo de percepção cuidadosa focada em atender às experiências de bem-estar de outro indivíduo. É um processo experiencial que envolve uma mistura entre emoção e cognição, em que passamos a reconhecer que nos relacionamos com os outros e que devemos ser sensíveis e responsáveis nessas relações, prestando atenção às necessidades, interesses, desejos, vulnerabilidades, esperanças e sensibilidades dos outros (GRUEN, 2015, p.3, nossa tradução).

Para Gruen, a ética do cuidado baseia-se na atenção e nas particularidades, diferente das teorias éticas tradicionais que pensavam modelos mais gerais e buscavam respostas universais para problemas que possuíam, como é o caso do Imperativo Categórico de Kant. Essas respostas universais tornam-se problemáticas já que, seguindo a linha de raciocínio da Ética do Cuidado, nem sempre será moralmente repudiável roubar, uma vez que alguém pode estar roubando algo para alimentar uma criança faminta que esteja muito doente, por exemplo. Isso não implica dizer que não deva haver ações e “punições” ao sujeito, mas sim que esta ação possa ser vista sob outras perspectivas. E é por isso que a empatia é o conceito que rege sua teoria, porque segundo ela, a empatia é uma forma de percepção moral.

Como é usualmente praticada, a teorização ética tradicional nos retira de nossas experiências e práticas morais reais através do raciocínio abstrato. Ela se desvia das complexas estruturas sociais e políticas e das ideologias que estão sempre em questão. Ela também coloca de lado nossas preocupações particulares, nossos relacionamentos, e as demais coisas que fazem a vida valer a pena de ser vivida. Ela pode, então, parecer de certo modo alienadora, e uma teoria alienadora não irá nos ajudar a iniciar a resolver os problemas que foi destinada a nos ajudar a tratar (GRUEN, 2015, p. 13, nossa tradução).

Partindo da definição de empatia fornecida pela autora dada no início deste capítulo, o bem-estar do indivíduo é o que nos atrai em um primeiro momento a atenção da empatia, e neste processo Gruen sugere que haja uma mistura de emoção e cognição, como já mencionamos em outros capítulos (PALAO, 2021).

Durante esse exercício de reflexão é importante que o empatizador analise os aspectos mais relevantes da situação, tentando obter o máximo de informações sobre os indivíduos da ação. Como bem mencionamos nos capítulos acima, aprender e entender sobre

o outro será fundamental para o conhecimento e o entendimento das escolhas mais assertivas, evitando assim uma projeção errada ou equivocada que confunda seus próprios interesses com o do outro.

A filósofa defende também que a empatia não é puramente emoção, como muitos alegam ser, mas sim a capacidade de unir emoção e cognição para entender a situação do outro de modo a ter responsabilidade das suas escolhas e que irá impactar diretamente ou indiretamente o bem-estar do outro.

Desse modo Lori Gruen sugere a “*empatia enredada*”, que seria, a grosso modo, uma forma de alterar a nossa percepção moral, tendo dessa forma uma percepção compartilhada de outros; seria tentar perceber como o outro percebe. Estendendo isso para a nossa relação com os animais, nos faria tentar entender o comportamento e individualidade de cada animal não humano. A autora define a *empatia enredada* como sendo:

(...) um tipo de percepção de cuidado focada em considerar a experiência de bem-estar do outro. Um processo de experiência envolvendo uma mistura de emoção e cognição no qual reconhecemos que estamos em uma relação com outros e somos chamados a sermos receptivos e responsáveis nestas relações através da consideração das necessidades, interesses, desejos, vulnerabilidades, esperanças e sensibilidades dos outros (GRUEN, 2015, p.3, nossa tradução).

A autora também faz uma crítica às teorias éticas tradicionais, já que segundo ela essas teorias ignoram nossas relações com outros animais, humanos ou não humanos. Além disso, as teorias tradicionais (consequencialismo, deontologia etc.) possuem limitações no que diz respeito aos seus princípios universais/abstratos, fazendo com que problemas mais complexos sejam generalizados ou muitas vezes minimizados. Desse modo, algumas pessoas diante de certos problemas acabam não sendo inseridas ou contempladas por essas teorias.

Há outra maneira pela qual as teorias éticas tradicionais podem levar a uma forma problemática de alienação. Teorias éticas forçam a nos concentrar em certas características de uma situação, de uma forma estreita, o foco estreito nivela ou apaga a complexidade dos problemas morais reais. Eles, portanto, falham em capturar toda a riqueza da experiência moral; eles enquadram problemas morais de maneiras que deixam de fora algumas questões da situação (GRUEN, 2015, p. 13-14, nossa tradução).

Assim como Carol Gilligan, Lori Gruen acredita que as ações devem ser julgadas individualmente e não baseadas em regras universais como propunham as teorias éticas tradicionais, isso se adéqua perfeitamente à noção de “contextualização” levantada por Gilligan quanto às questões morais. Como vimos na citação acima, Gruen acredita que essas teorias éticas tradicionais podem ser alienadoras precisamente porque suas exigências e

fundamentos não focam na riqueza dos detalhes das ações humanas, e isso na Ética do cuidado se caracteriza como algo fundamental.

Diante disso, o fato dessas teorias tradicionais não conseguirem lidar com as particularidades das ações ou das vidas dos envolvidos nas ações, acabam por serem impossibilitadas de lidar ou julgar adequadamente essas ações. E assim, falham no seu objetivo principal que é de nortear as ações humanas. Com isso, a autora pretende seguir a teoria da Ética do Cuidado com uma norteadora da sua obra.

Teoricamente, a posição de Gruen se encontra na corrente do Pluralismo Moral⁷, corrente teórica em que se propõe uma vida ética mais ampla e passível de possibilidades, evitando universalizações e regras gerais. Um pluralista moral assume que diante de conflitos morais, há algumas possibilidades de resolver os conflitos, desse modo, em sua teoria Gruen foge do absolutismo moral e defende a ideia de que devemos avaliar as situações isoladamente. Vale mencionar também que o pluralismo, por ser uma alternativa ao realismo moral, costuma ser criticado por assemelhar-se a uma espécie de relativismo moral, o que é incorreto.

Desde o início de sua obra, quando Gruen tenta categorizar os tipos de empatia, sempre houve um cuidado e uma atenção aos riscos da projeção, ou de uma empatia onde o empatizador se coloque no lugar do outro de tal modo que ele não distinga mais a sua e a realidade do outro. Com isso, no capítulo *Entanglements* a autora destaca a importância de conhecermos o outro, pois este seria o modo que irá nos garantir melhores escolhas.

O empatizador deve estar sempre atento às semelhanças e diferenças com os animais a partir de sua cognição, uma vez que a “empatia emaranhada” é essa junção de cognição e emoção, nunca deixando que somente um desses lados torne-se protagonista nas suas ações.

Segundo a autora, e aqui fortemente influenciada por Val Plumwood, que foi uma ecofeminista australiana dos anos de 1970 e que desempenhou um enorme papel para a ecosofia, para nos conectarmos melhor aos animais, devemos entender nosso processo de vida e como somos pertencentes à natureza e estreitar essa relação que envolve os animais

⁷ Pluralismo moral é uma corrente filosófica que defende que podem haver múltiplos pontos de vista e possibilidades de decisões ao se tratar de ações morais. Essa corrente filosófica defende que podem haver visões morais conflitantes e distintas, mas que cada uma delas devem ser respeitadas e analisadas. Um pluralista moral assume também, que não haveria uma forma errada de agir diante de ações conflitantes, onde há valores concorrentes, como no caso dos dilemas morais, por exemplo.

humanos e não humanos preservando suas características, sem querermos traçar comparações a partir de um ponto de vista privilegiado, como foi proposto anteriormente por Singer.

Aqui vale ressaltar que muito desse nosso distanciamento dos animais ocorre devido ao antropocentrismo, que durante muito tempo nos colocou como seres centrais e superiores diante dos outros animais. No entanto, é possível alterarmos essa perspectiva se dermos a chance de nos conectarmos aos outros ou até mesmo outras culturas e desse modo aprendermos sobre a vida do outro e evitar projeções erradas ou danosas.

É a partir dessas problemáticas que Gruen desenvolve uma nova concepção de empatia, chamado de “empatia emaranhada”, que não enfrente os problemas mencionados nos capítulos anteriores.

Então empatia emaranhada envolve uma combinação particular de afeto e cognição. O empatizador está sempre atento às semelhanças e diferenças entre ele e a sua situação e a próxima a da criatura por quem ele tem empatia. Esta alternância entre pontos de vista da primeira e terceira pessoa nos permite preservar a sensação de que estamos nos relacionando e nos fundindo na mesma perspectiva (GRUEN, 2015, p.66, tradução nossa).

Segundo a autora, a empatia emaranhada nos fornece ideias de como podemos melhorar nossas relações com os animais humanos e não humanos, de modo que entendamos as diferenças e particularidades encontradas em cada ser.

Quando Gruen estende a Ética do Cuidado para os animais, seu objetivo é mostrar que nós humanos devemos cuidar e nos atentar a esses seres, já que dentro desta construção social, eles (os animais) desempenham um papel de maior vulnerabilidade. Sendo assim, temos a responsabilidade moral de protegê-los e de sermos empáticos com eles.

Vale ressaltar também que, diferentemente das teorias éticas tradicionais que buscavam atribuir aos animais conceitos e características que os aproximassem do homem, Lori Gruen pretende fazer diferente. A filósofa entende e assume as diferenças dos animais e é por isso que a *empatia enredada* será fundamental para a construção e defesa do seu pensamento.

A teoria da ética do cuidado na ética animal nos incentiva a entender os animais em todas as suas diferenças, incluindo diferenças de poder, dentro dos sistemas de dominação humana em quais outros animais são vistos e usados como recursos ou ferramentas. Portanto, outra maneira pela qual a ética do cuidado se diferencia da abordagem da ética tradicional é através de sua análise da economia, política, raça, gênero e cultural dos sistemas de exploração animal, mercantilização e crueldade (GRUEN, 2015, p.36, tradução nossa).

Isso reforça o que havíamos falado durante toda a pesquisa: a Ética do Cuidado (da qual Gruen utiliza como princípio para seu trabalho) não busca a igualdade entre os seres, como Singer tentou fazer ao categorizar alguns animais como pessoas, mas sim abraçar as suas diferenças e particularidades, nos mostrando que é possível enxergarmos as diferenças e não vermos isso como uma fraqueza diante das considerações morais, mas sim uma alternativa que parece preferível por ser mais coerente, responsável e respeitosa com quem é diferente.

A autora reforça:

A empatia incompleta pode ser corrigida. O empatizador pode procurar compreender experiências que ainda não teve. Se a situação pode ser compreendida, mas não é imediatamente pelo empatizador, então o mesmo deve buscar detalhes em um esforço para corrigir a falha. Pode ser que o empatizador seja incapaz de incorporar totalmente a perspectiva do outro ou compreender completamente como é ser esse ser. No entanto, um conhecimento mais profundo das particularidades de uma situação para outros diferentes podem ajudar a preencher as lacunas que levam a esses tipos de erros empáticos (GRUEN, 2015, p.88, tradução nossa).

O que Gruen pretende dizer com isso é que nós não precisamos assumir o lugar do outro para desenvolvermos a empatia, basta que estejamos dispostos a entender a sua perspectiva, e que tenhamos o interesse em aprender mais sobre o outro. E como ela bem menciona, pode não ser um processo fácil e rápido, mas é facilmente possível de ser feito por nós humanos.

Vale ressaltar que, o fato de haver uma correlação entre empatia e responsabilidade não implica que estamos frente à uma ética de princípios, como a deontologia por exemplo, pois a empatia possui diversas "camadas teóricas" como pudemos ver anteriormente, diversas significações (forma mais simples, "automáticas", e até formas mais complexas, aliando emoção e racionalidade/cognição) que devem ser, justamente, sempre analisadas e "pesadas" frente à um contexto específico.

Quando falamos sobre Ética Animal, nosso objetivo não deve ser o de humanizá-los, como tem feito as teorias tradicionais, mas sim nos vermos dentro do mesmo sistema, com capacidades diferentes e interesses de vida diferentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos possibilitou entender algumas problemáticas das teorias tradicionais que defendem a Ética Animal, assim como nos possibilitou pensar numa abertura para diferentes alternativas éticas para lidar com essas questões, como foi o caso da Ética do Cuidado de Carol Gilligan e sua extensão aos animais, abordada pela filósofa contemporânea Lori Gruen.

O objetivo deste trabalho foi desenvolver a teoria da Ética do Cuidado como uma alternativa possível para a consideração moral em relação à vida dos animais.

Neste sentido foi realizada uma análise crítica da teoria da Ética do Cuidado de Carol Gilligan e da obra de Lori Gruen visando serem os suportes para a atual pesquisa. O que nos motivou a esta pesquisa fora a problemática enfrentada por Peter Singer e outros autores da Ética Animal que sempre como tentativa de incluir os animais às considerações morais, acabaram sempre tendo que incluir aos animais semelhanças compartilhadas conosco, os humanos. Como se ser parecido com o homem fosse um critério fundamental, necessário e suficiente. E como ressaltamos durante o trabalho, assumir essas semelhanças acabaram nos levando a conclusões problemáticas da Ética Prática.

Deste modo, nos pareceu mais coerente e relevante respeitar e entender as diferenças entre os seres e a partir dessas diferenças construirmos o conceito de empatia para nos levar a termos considerações morais em relação à vida de outros animais, sem termos que apelar a semelhanças ou “vestígios de humanidade” nos animais.

Na introdução, nosso objetivo foi fazer um panorama acerca das teorias éticas que abordam a Ética Animal, especialmente a teoria de Peter Singer, que atualmente é visto como um dos maiores teóricos da ética animal. Em seguida apontamos algumas dificuldades enfrentadas por Singer, especialmente na sua tentativa de aproximar os animais ao homem a partir de características semelhantes e como ele acaba se prendendo na sua própria teoria, formando consequências morais bem difíceis de assumirmos e que falham no seu objetivo principal, que é o de incluir os animais nas nossas considerações morais.

Para contrapor essa teoria do Singer, Lori Gruen é fundamental, já que na obra trabalhada nesta pesquisa nos primeiros capítulos ela se dedica a apontar algumas problemáticas enfrentadas pelo autor e que ela pretende não ter que enfrentar na sua pesquisa.

Com o objetivo de fornecer mais suporte teórico, usamos de outros autores para problematizar a teoria de Singer.

No capítulo três, nosso objetivo foi introduzir a Ética do Cuidado de Carol Gilligan, já que ela é a norteadora da nossa pesquisa. Neste momento o leitor pôde entender sobre a Ética do Cuidado, bem como suas motivações e conceitos principais que regem a teoria. Além disso, nos atemos a esclarecer alguns equívocos relacionados a esta teoria ética como, por exemplo, a de que a ética do cuidado é uma teoria que reafirma o machismo e nos induz ao pensamento de que mulheres agem de forma emocional.

Como fizemos questão de deixar claro neste capítulo, homens e mulheres possuem formas diferentes de julgar uma ação porque criamos homens e mulheres de formas distintas. E um dos questionamentos de Gilligan é de por que o emocional tem sido sempre usado de forma pejorativa, quando, na verdade pode ser uma auxiliar na hora de tomada de decisões.

Assim, não se trata de agir moralmente de acordo com visões masculinas ou femininas, mas sim sobre avaliar as diferenças dessas visões, questioná-las e fazer uso de uma empatia emaranhada, que haja sob a perspectiva de vários elementos e que busque saídas razoáveis para dadas as situações.

Em seguida entramos no ponto mais importante do nosso estudo, a saber, a relação da Ética do Cuidado à Ética Animal. Para isso, recorreremos à Lori Gruen que em suas obras, especialmente *Entangled Empathy*, desenvolve o conceito de empatia e desenvolve a *empatia emaranhada* como maior norteadora da sua pesquisa. Além disso, neste capítulo o leitor pôde entender sobre os diversos tipos de empatia e alguns erros que podemos cometer ao tentar empatizar em determinadas situações.

Mais adiante, no capítulo quatro, exploramos o conceito de empatia, assim como sua nova versão, apontada por Gruen. Neste momento da pesquisa expusemos também algumas problemáticas gerais da Ética, não somente em relação aos animais, mas sim estudos gerais da ética que buscavam respostas universais para problemas com situações completamente diferentes, como é o caso do mencionado Imperativo Categórico de Kant.

Além disso, este capítulo se deteve em expor o conceito de empatia intrínseco à Ética do Cuidado que tem como base principal o cuidado do outro diante de situação de maior vulnerabilidade, como é o caso dos animais na sociedade contemporânea.

O nosso objetivo neste trabalho não foi o de invalidar as pesquisas e teorias já existentes, mas sim de despertar nossa atenção para outras perspectivas e mostrar que é

possível tratarmos sobre Ética Animal, defender a consideração moral para os animais e ainda assim não precisar aproximá-los das nossas características. Ainda assim há um longo caminho a se trilhar, mas é possível começarmos de agora.

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilitou realizar uma análise crítica sobre teorias éticas animais e buscamos outras perceptivas que nos pareceram preferíveis diante das problemáticas levantadas neste trabalho. Além disso, também nos permitiu trazer outras perspectivas acerca da defesa dos animais.

Ambas as correntes éticas tralhadas nesta pesquisa possuem limitações teóricas, das quais necessitam de um pouco mais de aprofundamento, por isso, deixamos aqui aberto este tema para novas pesquisas, tendo em vista que este não é um trabalho que irá abranger todas as problemáticas da Ética Animal.

Diante do que foi exposto, acreditamos que, com margem de segurança, podemos afirmar que o tema aqui pesquisado é de extrema importância para os dias atuais, já que temos em todo o mundo uma enorme discussão acerca das nossas mudanças de hábitos com o objetivo de tornar o mundo um ambiente mais próspero de se viver. E com isso não podemos deixar nossos hábitos alimentares e a relação com os animais de fora desta discussão.

Acreditamos que a ética ocupe um papel importante nesta questão, tanto a animal quanto na que se debruça sobre outras questões. Talvez esteja no nosso estudo da ética, de suas diferentes concepções, limitações, mas também possibilidades, uma das saídas para tornar o mundo um lugar melhor de se estar.

REFERÊNCIAS

- BENTHAM, J. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio**. In: MANA 2(2):115-144, 1996.
- CANTO, Monique Sperber. **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2007. 2 v. (Coleção Idéias : Dicionários.)
- GILLIGAN, C. **In a Different Voice**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2003.
- GILLIGAN, C. **Joining the Resistance**. Cambridge: Polity Press, 2011
- GRUEN, L. **Ethics And Animals: An Introduction**. New York: Cambridge, 2011.
- GRUEN, L. **Entangled Empathy: An Alternative Ethic for Our Relationship With Animals**. New York: Lantern Books, 2015.
- KOHLBERG, L. **The development of modes of thinking and choices in 10 to 16**. Tese (Doutorado) — University of Chicago. 1958.
- KUHNEN, T. A. A ética do cuidado como teoria feminista. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, p. 1 – 9, maio 2014/27.
- MOURILHE, P. G. **Ecofeminismo: uma perspectiva intersaccional sobre interfaces de um mesmo assujeitamento**. 64 p. Monografia (Graduação em Direito) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- PALAO, P. serrana. Empatía para una ciencia sin sufrimiento animal: un enfoque desde Lori Gruen. **Revista de Bioética y Derecho**, n. 51, p. 141 – 156, março 29/2021.
- ROLLIN, B. Animal pain: what it is and why it matters. **The Journal of ethics**, v. 15, n. 4, p. 425 – 437, Dezembro 2011.
- SIEVERS, J. M. O conceito de pessoa e as vidas que importam em Peter Singer. **Rev. Heliuss**, v. 3, n. 2, p. 1637 – 1658, Julho/dez 2020.
- SINGER, P. **Ética Prática**. [S.l.]: Martinf Fontes, 2002.
- SINGER, P. **Libertação Animal**. [S.l.]: Martins Fontes, 2007.
- VIRGÍNIO, S. R. de A. **A ética prática no pensamento de Peter Singer**. 80 p. Dissertação (Filosofia) — Universidade Federal da Paraíba, 2011.